

O GARFO E A MORTE

O anúncio da chegada de Martha sempre trazia um sorriso para o rosto do padre Jim. Ela era uma das mais antigas e piedosas paroquianas. Tia Martie, como todas as crianças a chamavam, parecia espalhar fé, esperança e amor onde quer que fosse.

Mas, dessa vez, havia algo diferente em sua expressão. Com o rosto sério, ela lhe contou que o médico acabara de diagnosticar nela um câncer em estágio avançado.

“Ele diz que eu tenho, na melhor das hipóteses, três meses de vida.” As palavras de Martha eram graves, embora ela estivesse bastante calma.

“Eu lamento muito”...”, padre Jim começou a dizer, mas, antes que ele terminasse a frase, Martha o interrompeu:

“Não lamente. Deus tem sido bom comigo. Tive uma vida longa e feliz e estou pronta para ir. O senhor sabe disso.”

“Eu sei” murmurou o padre, aquiescendo com a cabeça.

“Mas o que desejo mesmo é falar com o senhor sobre meu funeral. Tenho pensado nisso e há coisas que vou querer.”

Os dois conversaram por um bom tempo. Falaram sobre os cânticos preferidos de Martha, suas passagens da Bíblia preferidas e as muitas lembranças que dividiram nos cinco anos em que padre Jim esteve na paróquia.

Quando parecia que tinham abordado todos os aspectos, tia Martha parou, olhou para o padre com um brilho nos olhos e acrescentou: “Há mais uma coisa. Quando me enterrarem, quero minha velha Bíblia na mão e um garfo na outra.”

“Um garfo?” O pedido surpreendeu o padre Jim: “Por que a senhora quer ser enterrada com um garfo?”

“Estive pensando em todos os jantares e banquetes da igreja a que compareci ao longo dos anos”, ela explicou. Uma coisa tinha sempre chamado a sua atenção. Em todas aquelas reuniões tão agradáveis, quando a refeição estava quase no final, uma empregada vinha recolher o prato sujo. “Posso até ouvir as palavras agora. Alguém se inclinava sobre o meu ombro e dizia baixinho: ‘Pode ficar com seu garfo’. E o senhor sabe o que isso queria dizer? Que a sobremesa estava vindo!”

E não se tratava de um pote de gelatina, um pudim ou uma taça de sorvete, porque nada disso se come com um garfo. Significava que era algo realmente gostoso, um bolo de chocolate ou uma torta de cereja!

“Quando me diziam que eu podia ficar com meu garfo, e sabia que o melhor ia chegar. É exatamente sobre isso que quero que as pessoas falem no meu funeral. Elas podem lembrar todos os bons momentos que tivemos. Isso será ótimo. Mas, quando passarem pelo meu caixão e me virem no meu lindo vestido azul, que se espantem e perguntem: ‘Para que o garfo?’ E é isso que eu quero que o senhor lhes diga: que eu fiquei com o garfo porque o melhor ainda vai chegar.”

Roger William Thomas, in: Histórias para aquecer o coração - 2.